

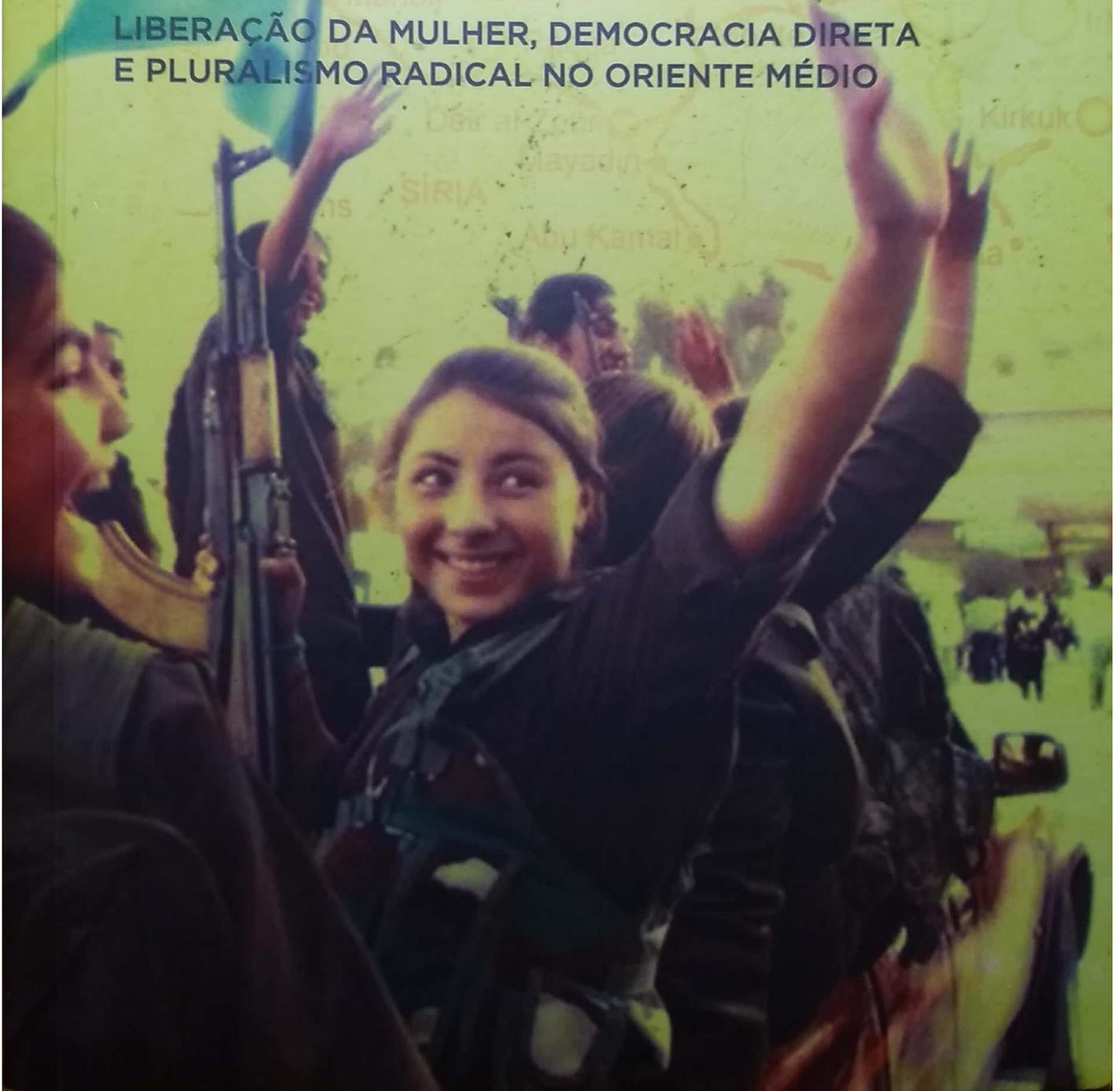


AUTONOMIA  
LITERÁRIA

2ª EDIÇÃO

# A REVOLUÇÃO IGNORADA

LIBERAÇÃO DA MULHER, DEMOCRACIA DIRETA  
E PLURALISMO RADICAL NO ORIENTE MÉDIO



**A REVOLUÇÃO  
IGNORADA**

# A REVOLUÇÃO IGNORADA

Feminismo, democracia direta e  
pluralismo radical no Oriente Médio

*Vários Autores*

*Tradução de Paulo Ferraz*

2017

AUTONOMIA LITERÁRIA

Descontrol Editorial, 2015.

Autonomia Literária, para a presente edição, 2017.



**AUTONOMIA  
LITERÁRIA**

Conselho Editorial:

Cauê Seignemartin Ameni; Hugo Albuquerque; Manuela Beloni

Tradução: Paulo Ferraz

Capa: Ione Lisiane Torzecki

Revisão: Lígia Magalhães Marinho

Revisão Técnica: Leo Griz Carvalheira

Diagramação: Manuela Beloni

Supervisão: Anelise Csapo & Guilherme Land (Comitê de Resistência Popular Curda de São Paulo, Brasil)

Fotografia: Zanyar Omrani & Wikimedia Commons

Desenho Selo Histórias não contadas: Malén Bruna

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Odílio Hilario Moreira Junior CRB-8/9949

F381r

Ferraz, Paulo

A Revolução ignorada: feminismo, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio / traduzido por Paulo Ferraz. - São Paulo : Autonomia Literária, 2016.

208 p. ; 14cm x 21cm.

Vários autores.

Tradução de: La Revolution Ignorada

Inclui índice e bibliografia.

ISBN: 978-85-6953-607-9

1. Política. 2. Oriente Médio. 3. Islamismo. 4. Guerras civis. I. Título.

2016-367

CDD 327.16

CDU 327.5

**Índice para catálogo sistemático**

1. Política internacional : Conflitos 327.16

2. Política externa : Conflito 327.5

**AUTONOMIA LITERÁRIA**

Rua Conselheiro Ramalho, 945

São Paulo, SP CEP: 01325-001

autonomialiteraria.com.br

## SUMÁRIO

Glossário.....	8
Mapa .....	13
Apresentação .....	16
Prefácio.....	28

### **PARTE I - POR QUE LUTAM OS CURDOS?**

Capítulo 1	
Pinceladas sobre o Curdistão .....	35
Capítulo 2	
PKK - do marxismo-leninismo ao Confederalismo Democrático .....	51
Capítulo 3	
O Movimento Feminista Curdo .....	65

### **PARTE II - O XADREZ DO CAMPO DE BATALHA GLOBAL**

Capítulo 4	
O contexto geopolítico.....	79
Capítulo 5	
Breve história de Rojava.....	101

### **PARTE III - UMA REVOLUÇÃO EM CURSO**

Capítulo 6	
Autogestão territorial e econômica.....	121
Capítulo 7	

Lidando com os conflitos.....	136
Capítulo 8	
Educação e saúde.....	154
Capítulo 9	
A revolução das mulheres .....	164
Epílogo .....	179
Pós-fácio: Por que a Revolução de Rojava também é nossa? .....	181
Bibliografia .....	193

## CAPÍTULO 9

# A REVOLUÇÃO DAS MULHERES

*Por Editora Descontrol*

### **Libertação da mulher**

Uma das características mais importantes do processo que se está vivenciando em Rojava é o papel das mulheres. Deixamos para o final a análise do tema do feminismo, uma vez que é um aspecto da revolução que é transversal e influencia todos os demais. Nos últimos capítulos alguns pontos já foram tocados, porém é pertinente dedicar alguns parágrafos para compreender melhor sua magnitude. Pode-se dizer que o feminismo é um conceito que hoje está presente em praticamente todas as áreas sociais de Rojava influenciadas pelo movimento de libertação curdo partidário do Confederalismo Democrático.

Não deixa de ser surpreendente ver um processo de empoderamento feminino tão radical em uma região como o Oriente Médio, onde encontramos algumas das práticas patriarcais mais extremas. Esse processo é resultado direto do movimento de libertação curdo do PKK e concretamente de suas mulheres, assim como do Confederalismo Democrático de Abdullah Öcalan.

Como explicado antes, para o Confederalismo Democrático o feminismo é a coluna vertebral de todo o processo revolucionário. Em Rojava estão consolidando uma revolução feminista que leva esperança ao restante da região. As pessoas implicadas explicam que uma revolução que não transforma a raiz do *status* das mulheres não é uma revolução, uma vez que deixa intactas as relações de poder sobre a metade da população; e que a liberdade da mulher é inseparável da liberdade de toda a sociedade. Acreditam que as mulheres são “as agentes prin-

cipais na economia, na sociedade e na história”<sup>74</sup>. Além disso, relacionam o sistema estatal com a opressão das mulheres, portanto sem lutar pela autonomia democrática e contra o poder estatal, a libertação da mulher não é possível.

Esse processo de empoderamento da mulher e destruição do patriarcado está se consolidando em todos os níveis: político, produtivo, educativo, militar, etc. Nos meios de comunicação ocidentais só se ouviu falar da presença das mulheres nos combates contra o Estado Islâmico, mas não deram qualquer atenção para seus motivos. É o que se percebe na explicação de Dilar Dirik:

Depois da ascensão do Estado Islâmico, o mundo se deu conta que havia mulheres lutando no Curdistão. Muitas pessoas que desconheciam o que se passava nessa região se surpreenderam com o fato de as mulheres, de uma sociedade que é vista como conservadora e dominada pelo machismo, estarem derrotando a sanguinária milícia fundamentalista do Estado Islâmico. Os meios de comunicação de massas, e inclusive as revistas de moda, se esforçaram para se apropriar e instrumentalizar a luta legítima dessas mulheres como se fosse um tipo de fantasia sexy ao estilo ocidental. Centraram seus interesses em elementos frívolos e superficiais, como “os milicianos do Califado têm medo das mulheres curdas porque se uma mulher os matar não irão ao Paraíso”. Mas ignoram que há algo além da luta armada neste conflito. O que há é um projeto político de emancipação radical.<sup>75</sup>

Tentaremos pôr um pouco de luz sobre esse aspecto tão essencial da Revolução de Rojava.

---

74 BIEHL, Janet. Dezembro de 2014, “Pobres en recursos, rics en esperit (entrevista a Janet Biehl, trad. Joan Enciam), *in*: <http://www.upaya.es/?p=1858>. Acesso em 6 de maio de 2016.

75 Directa, “El que hi ha a Kobane és un projecte polític d'emancipació radical”, entrevista a Dilar Dirik, 6 de novembro de 2014, *in*: <https://directa.cat/que-ha-kobane-es-un-projecte-politic-demancipacio-radical>.

## Autodefesa

O movimento político revolucionário em Rojava sempre teve o feminismo como um de seus fundamentos, uma vez que se inspirou no Confederalismo Democrático. Ainda assim o início da expansão do feminismo na região pode ser encontrado nas *Yekineyên Parastina Jinêou* (Unidades de Defesa das Mulheres – YPJ). As YPJ são a contraparte feminina das YPG, mas mantêm sua autonomia e estrutura própria. Foram formadas em 2012, depois de um congresso no qual se discutiu a necessidade de criar uma estrutura feminina própria, como forma de empoderamento e para demonstrar a capacidade das mulheres de assumir as tarefas militares no mesmo patamar que os homens. Antes da revolução já havia organizações autônomas e guerrilhas de mulheres, mas as estruturas patriarcais tradicionais imperavam em toda a sociedade. A formação das YPJ permitiu às mulheres um espaço de autonomia, onde puderam lutar pela liberdade e ganhar consciência política e social. O fato de se juntar a outras mulheres fez com que se empoderassem, que pudessem desenvolver suas próprias habilidades, sem limitações. E o mais importante: lhes deu as ferramentas para defender sua liberdade.

Uma vez criadas as YPJ, foi redigido um código de funcionamento interno, no qual se procurava criar uma estrutura que fosse a mais democrática possível. Tiveram início também trabalhos que iam além da formação militar, oferecendo-se cursos de formação política, social, de feminismo e outros temas que lhes pareciam convenientes.

Aos poucos foram ganhando respeito da sociedade, enquanto no campo de batalha demonstravam a maior valentia e determinação. Muitas mulheres, em especial garotas, começam a se unir à guerrilha como forma de escapar dos ambientes tradicionais e asfixiantes das famílias. Elas veem as YPJ como uma opção de libertação pessoal e coletiva.

O respeito e admiração adquiridos serviram para que o discurso das mulheres começasse a se espalhar por toda a sociedade e o movimento feminista repercutisse para além das YPJ.

As mulheres do movimento acreditam que um dia uma organização com as YPJ já não será mais necessária, uma vez que poderão estar integradas dentro das YPG sem que isso presuponha uma renúncia às suas demandas. Todavia, para elas é claro que, mesmo num futuro próximo, as YPJ continuarão existindo como uma organização armada feminina independente, uma vez que são necessárias para atuar como um contrapeso às milícias tradicionalmente masculinas, como a YPG.

### **Tomada de decisões**

Até fevereiro de 2015, a principal organização civil de mulheres, que agrupava outras organizações, era a Yekitiya Star e tinha sido a principal impulsionadora das transformações feministas no âmbito civil em Rojava. Mas, no último congresso de fevereiro daquele ano, decidiu-se por agrupar no Kongreya Jinên Azad (Congresso das Mulheres Livres – KJA).

A respeito da tomada de decisões já foi explicado que as duas mudanças mais relevantes e visíveis foram o sistema de coliderança e as cotas de gênero de 40%. A partir desses dois mecanismos foi assegurada uma paridade de gênero em todas as estruturas e organizações.

Existe, contudo, outro mecanismo muito importante para entender a relevância política das mulheres no movimento. Esse outro mecanismo é a criação dos Conselhos de Mulheres, que dá origem a uma dualidade do sistema dos Conselhos Populares, por meio da existência de um organismo de mulheres equivalente a cada nível dos Conselhos Populares. As mulheres têm suas próprias comunas não mistas, coordenadas por meio de um sistema de conselhos, como no caso dos Conselhos Populares. Essa estrutura paralela não delibera sobre assuntos

gerais, porém estes são debatidos para que elas formem uma opinião que será levada às reuniões mistas.

Por sua vez, tem competência prioritária de decisão sobre assuntos que afetam especificamente as mulheres. Se ocorre um conflito social, um de ordem interpessoal, por exemplo, uma comissão do conselho popular procura resolvê-lo (normalmente o Comitê de Paz e Consenso). O conselho de mulheres também possui uma comissão como essa, e caso se perceba que a questão envolve mulheres, como em um conflito de violência doméstica, e está em desacordo com o conselho popular, o conselho das mulheres tem o poder de veto, que é sempre aceito. Assim, se uma questão não pode ser resolvida no nível mais baixo, é levada, então, para o nível superior, ainda que se procure sempre trabalhar todos os problemas no âmbito local e de forma descentralizada.

Ainda é preciso detalhar algo mais a respeito de como funciona a eleição no sistema de coliderança, uma vez que as escolhas do homem e da mulher que irão ocupar os cargos são feitas de formas diferentes. O homem, por seu turno, é escolhido na reunião correspondente do sistema de Conselhos Populares entre todas as pessoas que participam. Já na eleição da mulher participam apenas mulheres, sendo a escolha efetuada no âmbito dos Conselhos de Mulheres. Portanto, vemos que as mulheres participam nas eleições dos dois representantes, ao passo que os homens só participam na eleição do representante masculino.

Um dos principais objetivos dos conselhos de mulheres é o empoderamento das mulheres e sua politização, por isso é feito um esforço para que todas as mulheres participem deles. Para atingirem essa meta, duas vezes por mês são feitas visitas a diferentes casas para falar com as mulheres que ainda não participam. Tal como elas mesmas explicam: "Muitas ainda estão influenciadas pela lógica do Estado, e não veem a si mesmas como alguém que possa gerenciar seus próprios assuntos. Têm

filhos e há brigas em casa. As crianças brincam nas ruas todos os dias em vez de ir à escola. Isso tudo nos preocupa.”<sup>76</sup>

Os conselhos de mulheres não são apenas espaços de tomada de decisão, são também espaços de trabalho político, de formação e de apoio mútuo.

## Educação

Para o movimento das mulheres o ponto principal para o empoderamento e para a destruição do patriarcado é a educação, uma vez que não apenas precisam mudar as condições objetivas para conseguir uma participação efetiva das mulheres, mas também precisam mudar as condições subjetivas. Foram criados periódicos nos quais são discutidas as condições de organização das mulheres e do desenvolvimento político, eles são distribuídos a um preço baixo e em diferentes idiomas para que todas os possam ler. Em relação aos meios de comunicação explicam que “antes havia uma televisão ligada 24 horas em todas as casas, com programação turca em língua árabe. Com a interrupção da energia as televisões também paravam, e a mente das pessoas ficou livre para fazer outras coisas”<sup>77</sup>. Outro dos fatores contextuais é que as mulheres com frequência se casam muito jovens, inclusive menores de idade. Tenta-se mostrar a essas mulheres que poderão ter uma vida melhor caso se eduquem.

Uma das tarefas que se fazem nos conselhos de mulheres é a instrução. Por exemplo, uma vez por semana fazem seminários nos quais são lidos livros para serem discutidos ou realizam debates sobre temas concretos. Ainda assim a educação feminina não está reservada apenas para as mulheres. Em todas as partes onde haja formação de qualquer tipo, aproveita-se para introduzir formação de gênero, dessa forma o trabalho de formação também é feito entre os homens e entre as crianças. Nas academias de treinamento

---

<sup>76</sup> Michael, “Democratic Autonomy em Rojava”, *in*: New Compass, 10 outubro de 2014 *in*: <http://new-compass.net/articles/revolution-rojava>.

<sup>77</sup> *Ibidem*.

das forças de defesa e seguridade ou nas academias profissionais, por exemplo, sempre há aulas extras de feminismo.

O espaço principal de instrução feminista para as mulheres são as academias de mulheres, que procuram romper com as definições e construções sociais masculinas e criar uma nova estrutura social, na qual a educação seja veiculada por meio da identificação das mulheres. Nas academias é onde se cria a mudança de paradigma. Na sequência está transcrito outro fragmento do já citado artigo de Janet Biehl sobre educação e um fragmento de uma entrevista com Dorşin Akif, professora dessas academias.

### Fragmento sobre a Academia Yekitiya Star, Rimêlan<sup>78</sup>

A *Akademiya Yekitiya Star* (Academia de Mulheres) de Rimêlan vai além da estratégia educativa da Academia da Mesopotâmia. Fundada em 2012, seu propósito é educar quadros femininos revolucionários, razão pela qual, naturalmente, a ênfase ideológica é mais forte. A Delegação Acadêmica a visitou em 3 de dezembro de 2014.

Durante os últimos trinta anos, disse a professora Dorşin Akif, as mulheres participaram do movimento curdo de libertação, primeiro como combatentes, depois nas instituições de mulheres. Há três anos as mulheres curdas criaram a *Jineoloji*<sup>79</sup>, ou “ciência das mulheres”, que consideram a confluência das experiências acumuladas nessas décadas. Na academia de Rimêlan as estudantes recebem primeiro uma visão geral da *Jineoloji*, “a aula do conhecimento do que foi roubado das mulheres” e que hoje podem ser por elas recuperado. “Estamos tentando superar a inexistência das mulheres na história. Tentamos compreender como se produzem e se reproduzem os

78 BIEHL, Janet. “Two Academies in Rojava”, 7 de fevereiro de 2015, <http://www.biehlonbookchin.com/revolutionary-education/>

79 N. do E.: ao pé da letra “Ginealogia”, mas também pode ser expresso como *Jineologia*, uma vez que “jin” é mulher em curdo, muito próximo do étimo grego *gineo* (mulher), que aparece em palavras como “ginecologia”.

conceitos dentro das relações sociais existentes, então desenvolvemos a nossa própria compreensão. Queremos estabelecer uma interpretação autêntica da história, observando o papel da mulher e nela lhe dando visibilidade”.

A Jineoloji, disse Dorşin, considera a mulher como “o principal agente da economia, e a economia como a principal atividade da mulher. Embora a modernidade capitalista defina a economia como uma responsabilidade primordial do homem. Afirmamos que isto não é verdade, que sempre e em todos os lugares as mulheres são os principais agentes na economia”. Devido a essa contradição basilar, aparentemente a modernidade capitalista será derrotada com o tempo.

A maneira pela qual as pessoas interpretam a história afeta a maneira como elas agem, disse Dorşin, por isso “falamos de organização social pré-suméria. Também observamos como surgiu historicamente o Estado e como foi construído esse conceito”. Mas poder e Estado não são a mesma coisa. “O poder está em toda parte, mas o Estado não. O poder pode se manifestar de diferentes maneiras”.

O poder, por exemplo, está presente nas democracias de base, que não têm nada a ver com o Estado. Na Jineoloji, as mulheres são consideradas democráticas por excelência. A Academia Star educa seus estudantes (que ainda são principalmente mulheres) nos valores de Rojava. “Nós observamos os mecanismos políticos – as assembleias de mulheres, as comunas de mulheres; e as assembleias gerais (mistas), as comunas gerais, as assembleias distritais. Aqui em Rojava sempre há tantos grupos mistos quanto exclusivos de mulheres. Nos mistos, a representação de mulheres é de 40% e sempre há uma copresidência para assegurar a igualdade.”

Na Academia Star, como na Academia da Mesopotâmia, ensina-se os estudantes a serem sujeitos com “o poder para debater e construir”. “Não há professor e aluno. A aula se baseia em compartilhar experiências.” Os alunos variam desde adolescentes até

bisavós. “Alguns têm carreiras universitárias e outros são analfabetos. Cada um tem conhecimentos, tem a verdade de suas vidas, e todo conhecimento é essencial para a gente. As mulheres mais velhas têm experiência. Uma mulher aos dezoito anos tem entusiasmo, as novas gerações representam o futuro.”

Todo programa culmina com uma sessão final chamada “A plataforma”. Aqui cada estudante se levanta e diz como participará na democracia de Rojava. Irá se unir a alguma organização, ou às YPJ, ou participará de um conselho de mulheres? Que tipo de responsabilidade irá assumir?

Perguntamos a Dorşin o que se ensina na academia sobre gênero (uma palavra que não existe em curdo). “Nosso sonho”, disse, “é que a participação e o desenvolvimento da sociedade por parte das mulheres irão mudar os homens, e farão surgir um novo tipo de masculinidade. Os conceitos de homem e mulher não são biológicos – contra isso nos opomos. Definimos o gênero como masculino, e a masculinidade em conexão com o poder e a hegemonia. É evidente que acreditamos que o gênero é uma construção social”.

Além disso, explicou, o problema da mulher não está apenas nos campos relativos às mulheres: “está entranhado na sociedade, por isso a exclusão das mulheres é um problema da sociedade. Temos que redefinir as mulheres, a vida e a sociedade. O problema da liberdade da mulher é o problema da liberdade da sociedade”.

Por fim, citou uma frase de Öcalan, “Mate o homem” que se transformou num lema, cujo significado é “o homem masculino tem que mudar”. Da mesma forma, a subjetividade colonizada das mulheres, ou feminilidade tem que ser eliminada. O objetivo social encarnado pela academia é derrotar a dominação e o poder hegemônico e assim “criar uma vida igualitária juntos”.

## Fragmento de uma entrevista sobre o sistema educacional em Rojava<sup>80</sup>

**Derya Aydın:** Existem academias de mulheres. Pode nos falar sobre elas? Que diferença há na educação aqui?

**Dorşin Akif:** As mulheres, que não são consideradas como poder social, identificam-se a si mesmas nas academias, e tentam compreender seu lugar na história. As mulheres não possuem lugar na estrutura social construída. As instituições sociais estão associadas aos homens. O importante para nossas academias é nos livrarmos dessas definições. Para isso, é preciso uma mudança da estrutura social que foi construída pela mentalidade e pelo discurso masculino. E isso exige que a educação seja tecida pela identidade das mulheres.

No sistema patriarcal de educação, é preciso que haja um limite de idade, e as aulas são programadas conforme as faixas etárias, não é assim? Mas essa situação é distinta aqui. Por exemplo, quando tivemos uma sessão de instrução para a Assembleia de Yekitiya Star, algumas de nossas amigas foram treinadas ao lado de suas mães. Algumas das mulheres tinham 60 anos, enquanto que outras tinham 18. Notamos que existe um vazio geracional por conta das estruturas de poder. Estes são problemas que surgem quando se impõem limites.

Nas relações livres nenhuma idade é um problema, pois tudo se centra em compartilhar experiências. É importante ver a experiência de uma pessoa de 60 anos como uma forma de poder, mas essa experiência deve ser compartilhada e deve transformar o nosso entorno. Fazendo uma comparação, uma pessoa educada na escola do sistema patriarcal ganha um *status* mais elevado na sociedade, ao passo que em nossas academias ser educado não te dá um *status* superior. A Educação é uma ques-

---

<sup>80</sup> An Interview with Dorşin Akif por Derya Aydın in: <http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/education-system-in-rojava/538-education-system-in-rojava.html>. Acesso em 8 de maio de 2016.

tão de contribuir com a vida e as relações sociais. Não é um *status*, mas sim uma qualificação que precisa ser compartilhada.

Devido ao fato de nossa academia de mulheres englobar todo o cantão, a maior parte da formação se dá em aulas fechadas. Logo, quem frequenta o curso pode ficar aqui. Assim tudo se faz na companhia das demais. Toda noite um grupo de alunas fica de guarda para a segurança das outras. A vida diária começa com esportes pela manhã. Em seguida começam as aulas. Uma vez que as aulas da manhã terminam, as da tarde continuam com notícias. As aulas vespertinas são principalmente visuais e procuram complementar as demais aulas com cinema alternativo ou documentários.

\*\*\*

### **Justiça feminista**

Outro campo no qual se tem vivido uma grande mudança é o da resolução de conflitos. Em Rojava as mulheres se auto-organizaram para lidar com situações como a violência machista, e são elas que têm a autoridade nesses temas.

Dentro dos Asayish há a corporação das Asayish-J, que é composta unicamente por mulheres e tem a competência exclusiva sobre conflitos de gênero como os maus-tratos domésticos, crimes nos quais mulheres estejam envolvidas, temas de infância ou conflitos de ódio religioso, étnico ou tribal. A razão pela qual, em todos esses campos, a gestão está exclusivamente nas mãos das mulheres deve-se a principalmente dois motivos: porque acreditam que são mais capacitadas para a mediação e porque os assuntos que envolvam mulheres devem ser resolvidos por elas.

As Asayish-J efetivaram muitas iniciativas para reduzir a violência contra as mulheres. Nesse sentido, foram criadas as casas de mulheres (*Mala Jinan*), nas quais membros da Asayish-J fazem turnos permanentemente. Em fevereiro de 2015 já tinham sido criadas mais de trinta casas, e outras já estavam projeta-

das. Nessas casas é proibida a entrada de homens, o que lhes confere um ambiente de maior segurança.

São espaços nos quais qualquer mulher maior de 15 anos pode ir buscar refúgio e hospedar-se por quanto tempo for necessário. Nelas também são dados vários tipos de aula de forma gratuita, mas a função principal dessas casas é discutir os temas que afetam as mulheres na vida cotidiana e tentar encontrar uma solução para seus problemas. É, em suma, um espaço de apoio mútuo.

Qualquer questão relacionada com violência machista é levada a essas casas de mulheres, que analisam o caso. As famílias são comunicadas, e, na hipótese de ter havido alguma agressão, a mulher pode pedir apoio às Asayish-J, que dão todo tipo de assistência: psicológica, econômica, etc. Em geral quando uma mulher vai até a casa de mulheres é aberto um processo para o caso. Procura-se analisar o ocorrido, as necessidades da mulher e tenta-se chegar a uma solução. Os processos não possuem prazo fixo, duram o tempo que tiverem de durar. Ainda que se consiga encontrar uma solução, o caso não é encerrado, uma vez que, durante um tempo, há um monitoramento para se assegurar que as ocorrências não voltem a se repetir.

Não é sempre que as mulheres precisam se dirigir às casas de mulheres para buscar ajuda, pois foi criada uma linha de telefone para atender a questões de temas patriarcais, como evitar suicídios de mulheres agredidas ou atender a chamadas de socorro. Algumas vezes é o próprio pessoal das casas de mulheres que vai a uma família específica porque sabem que houve maus-tratos ou briga de qualquer tipo. Graças ao sistema de comunas e à descentralização, conhecem intimamente todas as famílias, sua situação econômica e se há brigas ou conflitos.

É importante destacar nesse sentido que as casas de mulheres ganharam muito prestígio e respeito na sociedade e que conseguiram fazer com que a violência contra as mulheres seja muito malvista socialmente. Alguns dos mecanismos empregados nessa mudança afetam os homens. Assim, no caso de um

homem que tenha agredido uma mulher, ele fica impedido de participar de qualquer espaço político, não podendo participar da tomada de decisões, e para recuperar seu direito precisa receber durante certo tempo instrução sobre feminismo e igualdade de gênero. Além disso, muitas práticas machistas foram proibidas, como os casamentos forçados ou com crianças, os dotes da noiva, a poligamia, a violência doméstica ou os assassinatos de honra. Todas essas são práticas costumeiras na cultura tradicional e conservadora do Oriente Médio.

Ainda quanto ao tema, é preciso levar em consideração o papel de Abdullah Öcalan no momento de compreender como foi possível que o feminismo ganhasse tanta importância em uma sociedade tradicionalmente patriarcal. A reverência e o respeito que ele tem como líder por parte da grande maioria de curdos fazem com que suas palavras e ideias políticas tenham imensa influência. Não é estranho ver, pois, que os homens curdos, especialmente os do movimento de libertação, tenham aceitado e incorporado o discurso feminista em seu dia a dia a partir de quando Öcalan disse que o feminismo tem que ser a coluna vertebral do movimento revolucionário curdo. Isso não quer dizer que não tenha sido um processo sincero, apenas que a veneração do líder facilitou a incorporação dos princípios feministas e a aceitação do trabalho de desconstrução e da renúncia aos privilégios.

### **Antifundamentalismo de gênero**

Conforme os motivos já expostos, o feminismo está bastante difundido entre os curdos, mas entre os demais grupos há algumas reticências em aceitar algumas de suas premissas. Como no caso de algumas comunidades árabes muçulmanas que se opõem a essas políticas, pois sentem que são uma violação a seus princípios religiosos básicos. Como influenciar mais as mulheres árabes ainda é uma questão a ser solucionada, apesar de que aos poucos alguns passos tenham sido dados, uma vez que, por exemplo, al-

gumas mulheres árabes já tenham começado a recorrer às casas de mulheres para encontrar solução para seus problemas.

Já entre a comunidade assíria, a repercussão tem sido muito maior. As mulheres assírias também começaram a se organizar, assistindo aos seminários feministas das curdas e organizando os seus próprios. Também criaram suas próprias organizações e se juntaram às casas de mulheres e aos conselhos de mulheres, fato que gerou um impacto positivo entre as mulheres árabes, uma vez que romperam com a ideia de que o feminismo é um conceito curdo.

O mais importante nesse aspecto é que todas as mulheres se identificam entre si para compartilhar o mesmo conjunto de problemas e lutam para introduzir mudanças em toda a população, não apenas nos membros de um grupo étnico ou social.

### **Empoderamento econômico das mulheres**

Por fim, também é preciso falar de economia. Para o movimento feminista de Rojava uma das principais tarefas tem sido o empoderamento econômico das mulheres. Para todas as comunas, a criação de cooperativas de mulheres é uma prioridade. Tanto é assim que se pode ver por todo o território de Rojava um incontável número de iniciativas desse tipo que começaram financiadas pelas comunas. Procurou-se dotar as mulheres de recursos próprios para que possam ser independentes e não precisem depender dos homens. Essa mudança nas tarefas que cada gênero desenvolve gerou também uma mudança nas relações de poder de gênero nas estruturas familiares.

Mas há outra razão para a criação das cooperativas. As mulheres até agora não tinham participação na vida pública, não eram vistas em cafés nas ruas ou nos espaços públicos em geral. Essa era uma esfera masculina, as mulheres tinham que ficar relegadas à casa. Criar cooperativas de mulheres em diferentes campos aumenta a presença feminina no âmbito público e interrompe essa separação.

Além disso, muitas dessas cooperativas estão tentando agregar as mulheres árabes desalojadas pela guerra, com o objetivo

de estender o feminismo e de aumentar a coesão social entre os refugiados e os residentes autóctones.

### **Nota final sobre o feminismo**

Apesar do imenso trabalho realizado pelo movimento das mulheres, muitas práticas patriarcais ainda persistem na sociedade de Rojava. É evidente que obter uma mudança nesse aspecto levará muito tempo, e elas mesmas estão conscientes disso. Contudo, não se pode deixar de louvar o grande progresso e o grande exemplo que deram para todos os movimentos de libertação da mulher de todo o mundo.

Como resumo pode-se dizer que as mulheres, e a sociedade em geral, em Rojava não lutam apenas contra o ISIS, mas também pela libertação da mulher, pela igualdade de gênero e por um projeto de emancipação social. E o fazem com ideias e armas. É o que explica uma das milicianas da YPJ:

Não lutamos apenas contra o ISIS, lutamos para mudar a mentalidade e para demonstrar o poder das mulheres em todo o mundo. Nós, das YPJ, estamos em guerra em Rojava por necessidade. Nossas ideias vão além de Rojava. Queremos lutar em escala global. Queremos que o mundo nos conheça por nossas ideias, não por nossas armas.<sup>81</sup>

---

81 BIEHL, Janet. 22 de dezembro de 2014, "Visit to the YPJ, December 7, Amuda" <http://www.biehlonbookchin.com/visit-with-ypj>. Acesso em 9 de maio de 2016.